

01

A PROCURA POR DISTOPIAS NO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE DO RANKING DE OBRAS MAIS POPULARES DO PORTAL AMAZON BRASIL¹

Jonas de Oliveira Bertucci
Nathan Vieira

Recebido em 31 mai 2021.

Aprovado em 07 mar 2022.

Jonas de Oliveira Bertucci

Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília.
Professor de graduação do Instituto Federal de Brasília
- Campus São Sebastião (IFB/CSSB).

Participação no Grupo de Pesquisa Comunicação
e Culturas Urbanas, do XX Encontro dos Grupos de
Pesquisas em Comunicação, 43º Congresso Brasileiro
de Ciências da Comunicação.

E-mail: jonas.bertucci@ifb.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0580793909196813>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7250-3980>

Nathan Vieira

Graduando do Curso de Letras - Português do Instituto
Federal de Brasília (IFB/CSSB)

Bolsista PIBIC CNPq/IFB

Participação no Grupo de Pesquisa Comunicação
e Culturas Urbanas, do XX Encontro dos Grupos de
Pesquisas em Comunicação, 43º Congresso Brasileiro
de Ciências da Comunicação.

E-mail: nathancef@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4857050374433230>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5914-3810>

1 Título em língua estrangeira: “The search for dystopias in the 21st century: an analysis of the ranking of the most popular works on Amazon Brazil portal”.

Resumo: Este artigo apresenta um panorama das tendências atuais da literatura distópica. Partindo do ranking de vendas do portal Amazon Brasil de 2019, é realizada uma análise geral das 100 obras literárias de ficção distópica mais populares no Brasil. Após uma breve introdução, na segunda parte é feita uma contextualização sobre a origem e os sentidos dos termos utopia e distopia e sobre a relação entre o mundo real e os mundos ficcionais. Na terceira parte é apresentada a metodologia de análise das sinopses dos livros do ranking. Foram coletadas informações externas das obras (como ano, idioma e país de publicação, gênero, nacionalidade e raça do autor) e internas (como espécie, gênero dos antagonistas e protagonistas, e temáticas retratadas nos universos distópicos) para a composição de estatísticas descritivas. Foi possível identificar que a maioria das obras foi escrita no século XXI, por homens e mulheres brancos. A ideia de um Estado totalitário é recorrente e observam-se tendências marcadas por elementos fantásticos, assim como pela degradação ambiental, temática que perpassa diversas obras. Na quarta parte são apresentados os resultados e discutidas três obras selecionadas da lista, contendo elementos representativos do imaginário observado: *A fortaleza: mundo sombrio* (de Day Fernandes, autora brasileira); *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela* (do premiado autor paulista Ignácio de Loyola Brandão); e *Estilhaça-me* (best-seller adolescente da estadunidense Tahereh Mafi). Por fim, são tecidas as considerações finais. Embora o trabalho literário não profetize um iminente futuro apocalíptico, a sua análise pode dizer muito sobre o presente.

Palavras-chave: Análise literária; Distopia; Utopia; Juventude; Ficção científica.

Abstract: This article presents an overview of current trends in dystopian literature. Based on the Amazon Brazil portal sales ranking for 2019, an overall analysis

of the 100 most popular dystopian fiction literary works in Brazil is carried out. After a brief introduction, the second part provides a contextualization of the origin and meanings of the terms utopia and dystopia and the relation between the real world and fictional worlds. The third part presents the methodology for analyzing the synopses of the ranking books. External information on the books (such as year, language and country of publication, gender, nationality and race of the author) and internal information (such as species, gender of antagonists and protagonists, and themes portrayed in dystopian universes) were collected to compose descriptive statistics. It was possible to identify that white men and women wrote most of the works in the 21st century. The idea of a totalitarian State is recurrent and trends marked by fantastic elements, as well as by environmental degradation, a theme that permeates several works, can be observed. The fourth part presents the results and discusses three books selected from the list, containing representative elements of the observed imagery: *A fortaleza: mundo sombrio* (by Day Fernandes, an author from Brasília); *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela* (by the award-winning Ignácio de Loyola Brandão, from São Paulo); and *Shatter-me* (teenage best seller by the American Tahereh Mafi). Finally, the final considerations are made. Although the literary work does not prophesy an imminent apocalyptic future, its analysis can say a lot about the present.

Keywords: Literary Analysis; Dystopia; Utopia; Youth; Science fiction.

INTRODUÇÃO

Um levantamento feito em 2012 pelo portal GoodReads (www.goodreads.com), que organiza grandes redes de recomendação de leitura no mundo, apontou que o número de obras com temas

distópicos no século XXI é o maior desde a década de 1960, o que poderia indicar um sinal de tempos problemáticos². O portal apresenta categorias de temas associados às obras ao longo do século XX, como o medo do Estado e a ansiedade em relação ao corpo, presentes no período da Segunda Guerra e da Guerra Fria. Há obras distópicas românticas que tratam dos anseios de jovens adultos e suas decepções amorosas e, ainda, uma possível nova onda, característica do século XXI, ligada às mudanças climáticas, à inteligência artificial e à automação. Padrão semelhante se observa no cinema e nas produções de TV, embora haja poucos dados sistematizados.

Em 2020, o mundo foi surpreendido pela pandemia causada pelo novo coronavírus, que alcançou praticamente todos os países do globo. Diante da iminência de milhões de mortes, as nações foram obrigadas a decretar medidas extraordinárias para contenção do vírus, com o estabelecimento da dinâmica de quarentena e a restrição das atividades econômicas. Os impactos sociais, econômicos e as mudanças na dinâmica das grandes cidades e das famílias fazem com que esse seja considerado um episódio distópico da história recente da humanidade, marcado por eventos extremos que alteraram a ordem cotidiana. É curioso notar que, embora os efeitos da pandemia sejam muito diferentes para cada país e grupo social, podendo ser suavizados ou agravados pelo ambiente social e político, a sua origem talvez não seja resultado direto da ação humana, como o totalitarismo, as mudanças climáticas ou as guerras nucleares.

2 Os dados do levantamento podem ser observados em: <https://www.goodreads.com/blog/show/351-the-dystopian-timeline-to-the-hunger-games-infographic>. Acesso em: 30 maio 2019.

Embora a ameaça viral tenha sido tema de algumas obras (como o filme *Contágio*, de 2011³), as produções com maior repercussão até então parecem ser aquelas que retratam situações fantasiosas, como as histórias em que algum tipo de infecção transforma os homens em zumbis raivosos. Nos próximos anos, possivelmente veremos crescer o interesse sobre as diferentes distopias que envolvem manifestações virais⁴. Explorar esses indícios de forma sistemática pode ser relevante para a reflexão sobre o imaginário contemporâneo ao lidar com as relações entre juventude, consumo, meio ambiente e novas tecnologias, como observado em Rocha (2009). A bibliografia sobre literatura distópica é geralmente focada nos clássicos do século XX⁵, não sendo fácil encontrar indicadores sobre a produção e o consumo de obras no tempo, havendo ainda amplo espaço para reflexão sobre a elaboração simbólica das distopias do século XXI.

Este artigo contribui para essa discussão, desenvolvendo uma análise geral das 100 obras literárias de ficção distópica mais populares com base no ranking de vendas do portal Amazon Brasil de 2019. Após esta introdução, na segunda parte é feita uma contextualização sobre a origem dos termos utopia e distopia e sobre a relação entre o mundo real e os mundos ficcionais. Na

3 O filme que contou com a consultoria de epidemiologias e especialistas chama a atenção pelas semelhanças com a epidemia de 2020. De acordo com o roteirista, Scott Burns, em entrevista à rádio estadunidense NPR, os realizadores queriam contar a história de um surto plausível, sem os exageros de Hollywood.

4 Nesse sentido, Shwetz, K. (2020) discute como a ficção distópica pode ajudar a lidar com a ansiedade nos tempos de pandemia.

5 Barros (2011) analisa as cidades idealizadas pelo cinema. Embora seja possível encontrar análises de distopias, como *Matrix* (ver SILVA, 2007) e *Laranja Mecânica* (ver MENEZES, 1997), por exemplo, os aspectos explorados nas pesquisas muitas vezes não se referem a distopia em si, termo que nem mesmo é utilizado nesses textos.

terceira parte é apresentada a metodologia proposta para a análise das sinopses dos 100 livros do ranking. Foram coletadas informações externas e internas às obras, de modo a caracterizar autores, antagonistas e protagonistas e temáticas retratadas nos universos distópicos. Na quarta parte são apresentados os resultados e discutidas três das obras selecionadas da lista, cujos elementos são representativos do imaginário observado: *A fortaleza: mundo sombrio* (de Day Fernandes, autora brasileira); *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela* (do premiado autor paulista Ignácio de Loyola Brandão); e *Estilhaça-me* (best-seller adolescente da estadunidense Tahereh Mafi). Por fim, são tecidas as considerações finais.

UTOPIAS E DISTOPIAS

A expressão *utopia* foi cunhada pelo filósofo e intelectual humanista Thomas Morus na Inglaterra para dar nome a sua obra mais célebre, publicada no início do século XVI. A palavra é o resultado da união dos termos gregos *OU* (não) e *TÓPOS* (lugar), sendo assim um “não lugar”⁶. Etimologicamente, *Utopia* significa, portanto, “lugar inexistente na realidade”, carregando um sentido profundamente positivo, já que representa, na obra de Morus, uma sociedade possível onde tudo funciona com harmonia e perfeição.

A noção de um sistema social ideal pode ainda ser encontrada muito antes do surgimento da palavra *utopia*. As divagações de Platão sobre justiça em *A República* (380 a.C.), por exemplo, representam uma

6 Essa compreensão é amplamente difundida, havendo pouca variação nas descrições do termo nos diferentes dicionários. A título de exemplo, ver: [UTOPIA]. In: DICIO, *Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em: www.dicio.com.br/utopia/. Acesso em: 28 maio 2019.

visão em grande medida utópica de uma cidade ideal (e inexistente), pensada a partir da reflexão sobre as características dos diferentes regimes políticos conhecidos na Antiguidade.

Na Modernidade, o sentido dado à palavra utopia passa a ter uma conotação profundamente diferente. A categorização dos primeiros socialistas do século XVIII como utópicos simboliza essa mudança de sentido. Esses intelectuais humanistas, apesar de terem levado a cabo experiências práticas de organização social antes inexistentes, transpondo da fantasia um ideal a se alcançar por meio da racionalidade política, ficaram marcados pelo estigma de sonhadores. A crítica marxiana ao socialismo utópico definiu essas primeiras experiências como um tipo de socialismo romântico, pré-moderno, que não fazia jus à necessidade de compreensão histórica da realidade social, papel do materialismo histórico⁷. Assim, a utopia foi perdendo seu sentido positivo, dando lugar a um sentido negativo, entendida como “algo impossível”, um sonho “não realizável”⁸.

Essa transfiguração de sentidos dá lugar ao nascimento do que seria o oposto radical da utopia, a *distopia*, um lugar de extrema opressão, seja pelo controle excessivo ou pelo total descontrole social, onde recorrentemente reinam o autoritarismo e a violência física ou simbólica, a “utopia negativa”. O termo aparece pela primeira vez em um discurso do filósofo e economista inglês John Stuart Mill no parlamento britânico em 1868, ao criticar propostas

7 Para uma análise dos chamados socialistas utópicos e suas expressões contemporâneas, ver Bertucci (2005).

8 Como é discutido na obra de Rösen *et al.* (2007), após o colapso dos sistemas socialistas orientais, no século XX, esse sentido negativo chegou ao seu extremo, tornando-se moda declarar o chamado “fim da utopia”.

de políticos conservadores, as quais considerava não apenas impraticáveis, mas extremamente negativas⁹. A distopia, diferente da utopia, passa a ser usada como peça de uma retórica crítica, de modo a contestar ideias e regimes potencialmente tirânicos que tentam se passar por generosos e benevolentes¹⁰.

A análise da produção artística distópica ajuda a entender a mudança da percepção das utopias às distopias, assim como dos diferentes sentidos atribuídos às distopias, à luz dos conflitos políticos de cada época. No século XX é possível identificar uma difusão considerável de ficções que abordam cenários futurísticos sombrios, muitas delas com adaptações para o teatro, o cinema e a TV. Entre as mais conhecidas, têm-se, por exemplo, *Admirável Mundo Novo* (1931), de Aldous Huxley, *1984* (1949), de George Orwell e *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury. São obras que abordam temas como o totalitarismo e o autoritarismo de Estado, a vigilância e o anti-intelectualismo, por meio de realidades opressoras que se passam em períodos futuros não muito distantes da época de seus autores, fazendo referência direta a preocupações do seu presente. Diante do avanço recente de grupos políticos com tendências extremistas, chama a atenção a repercussão de *The Handmaid's Tale* (1985), obra literária escrita por Margaret

9 “É, provavelmente, demasiado elogioso chamá-los utópicos; deveriam em vez disso ser chamados dis-tópicos ou caco-tópicos. O que é comumente chamado utopia é demasiado bom para ser praticável; mas o que eles parecem defender é demasiado mau para ser praticável.” (MILL, 1868, Parlamento Britânico). Tradução nossa. In: New World Encyclopedia. Disponível em: www.newworldencyclopedia.org/entry/Dystopia. Acesso em: 28 maio 2019. (Ver também TRAHAIR, 1999).

10 Também é encontrado na literatura o termo *eutopia*, usado para estabelecer utopias positivas, em contraposição às utopias negativas (as distopias), já que literalmente “utopia” poderia significar ambos (MARQUES, 2013). Neste trabalho, o termo *utopia* é utilizado na sua forma mais conhecida, não se diferenciando essencialmente de *eutopia*.

Atwood, que entrou em evidência em 2018 após o sucesso da sua adaptação no formato de série televisiva¹¹.

O contexto histórico pode revelar muito sobre a produção de uma obra. É fato conhecido, por exemplo, o engajamento político de George Orwell, dialogando com a ameaça dos regimes totalitários do século XX, e trazendo à tona elementos de controle presentes tanto no stalinismo quanto no capitalismo pós-guerra. O que é patente na obra de Orwell pode ser menos evidente em outras produções. Como afirma Regina Dalcastagnè (2000), o autor jamais estará ausente do próprio texto, de uma forma ou de outra ele irá aparecer mostrando suas perspectivas e aquilo em que ele acredita, de uma forma sutil ou escancarada.

Com efeito, os medos representados nas obras distópicas podem ser interpretados como reflexos dos sentimentos compartilhados pelas gerações de escritores, produtores e do público de uma época particular. Conforme afirma Antônio Candido (2006):

[...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CANDIDO, 2006, p. 30)

A ameaça da ascensão de regimes políticos totalitaristas, em particular, marca sentimentos característicos transpostos e

11 O livro aparecia como o mais vendido na categoria ficção no período desta pesquisa, entre 2019 e 2020. Sua posição se alterna entre os três mais vendidos em geral no portal da Amazon, tendo sido o sétimo mais vendido no ano de 2018.

reforçados pelas expressões literárias e artísticas em geral. Ao analisar o processo civilizador, Norbert Elias (1993) descreve de forma detalhada como a regulação das paixões em todas as esferas da vida moderna derivou gradualmente do monopólio da força física exercida pelo Estado. As mudanças sociais estruturais, marcadas pelo processo de racionalização, estariam assim diretamente relacionadas às mudanças na conduta e na estrutura psicológica individual. Essa modelação do comportamento e da expressão de sentimentos é definida por Elias como o autocontrole¹².

No quadro das inquietações sobre o real presente na literatura, é interessante notar também como os medos e ansiedades contemporâneas aparecem no entrecruzamento da tradição distópica com outros gêneros literários, em particular com o gótico. Na apresentação do dossiê “A distopia e o gótico”, Gomes *et al.* (2020) destacam a estética marcada pelo excesso e as formas de interpretar criticamente a modernidade como elementos centrais, afirmando que:

Ambos [os gêneros] expressam uma visão negativa do mundo social e têm como um de seus temas centrais a dinâmica do poder e do autoritarismo. Compartilham também uma forte desconfiança diante do emprego instrumental da ciência e da tecnologia, e um fascínio com a paranoia, o aprisionamento e a alienação social do indivíduo. (p. 6)

Uma onda de produções consideradas como distopias tem surgido nos últimos anos, abordando a ameaça do fim do mundo

12 Importante verificar como, do ponto de vista psicológico e histórico, o conceito de trauma pode estar intimamente ligado às distopias do século XX, conforme indica a análise de ROTH (2012).

e trazendo novas questões para além do totalitarismo. Esse imaginário é marcado também pelas questões ambientais – diante do fato de que as previsões feitas pelos cientistas e agências de pesquisa têm sido cada vez mais disseminadas¹³. Não à toa o cenário de um futuro desértico, onde a guerra pela água é central, volta à cena com a mais recente sequência de *Mad Max: Estrada da Fúria* (2015). No Brasil, há um campo rico a ser explorado, já que o país está presente direta ou indiretamente no imaginário das ficções distópicas (sobretudo quando se trata da Amazônia)¹⁴.

Em que medida novas ou antigas produções podem revelar questões do nosso tempo? Que mudanças podemos observar nas temáticas das obras distópicas na virada do século XX para o século XXI? O estudo dessas obras pode ajudar a entender os novos e antigos medos que continuam a perambular na sociedade contemporânea? Esta pesquisa surge num esforço de explorar algumas dessas questões que cercam o universo literário das ficções distópicas em evidência na atualidade.

METODOLOGIA

Esta análise está dividida em duas etapas. Na primeira, partimos da lista das 100 obras de ficção distópica mais populares de acordo com o ranking de vendas da Amazon Brasil (www.amazon.com.br), de modo a analisar o conjunto de livros em evidência atualmente, a partir de estatísticas descritivas.

13 Sobre esse tema, os discursos da jovem sueca Greta Thunberg são extremamente representativos. Ver: www.ted.com/talks/greta_thunberg_the_disarming_case_to_act_right_now_on_climate/transcript?language=pt.

14 Ver Da Costa (2016) para uma análise da paisagem urbana e do lugar distópico em dois filmes brasileiros contemporâneos dirigidos pelo cineasta pernambucano Kleber Mendonça Filho – *Recife Frio* (2009) e *O Som ao Redor* (2012).

Na segunda etapa, apresentamos uma análise de três livros representativos desse ranking.

O portal Amazon produz um ranking de vendas para todos os seus produtos, que permite verificar os que estão em alta em cada momento. No caso de livros, há categorias gerais e subcategorias específicas, sendo possível observar o ranqueamento geral e específico dentro de cada subgrupo. Segundo a empresa, seus rankings são atualizados a cada hora, sendo calculados “com base no histórico de vendas do produto, onde as vendas recentes têm peso maior que as vendas passadas”.¹⁵ Vale frisar que as listas são definidas de acordo com a informação dos pedidos e não das avaliações dos consumidores. Embora o algoritmo exato de construção do ranking não seja disponibilizado, as listas resultantes podem servir como indicadores do mercado literário, funcionando como termômetro, que considera as vendas recentes, o histórico e a frequência de venda dos livros.

Desse modo, utilizamos o ranking da subcategoria *Ficções Distópicas*, observado no mês de outubro de 2019, como uma *proxy* da popularidade dos livros. Abaixo é representado o esquema de categorização do portal¹⁶:

› Livros › Fantasia, Horror e Ficção Científica › Ficção Científica › *Distópico*

Partindo dessa lista, foi feita a leitura das sinopses das obras, de modo a coletar dados sistemáticos de cada livro, o que permitiu

15 Para uma discussão sobre isso, ver a questão “How is sales rank calculated?” no *Sales Rank FAQs*, disponibilizado em <https://sellercentral.amazon.com/gp/help/external/G202059240>.

16 É interessante verificar que não existe uma categoria específica “utopias”, o que também poderia ser um recorte. Isso reforça a discussão anterior de que, a partir do século XX, as visões de um mundo ideal na literatura e na política cada vez mais dão lugar a projeções negativas do mundo.

produzir estatísticas analíticas gerais. Além do próprio portal Amazon, foram consultados *sites* de crítica e resenha literária, como o Literary Hub (<https://lithub.com/>) e o Book Marks (<https://bookmarks.reviews/>). Como as informações a partir das sinopses é limitada, é importante destacar que esta não é uma análise exaustiva de cada obra, mas sim uma visão geral de seu conjunto¹⁷. As informações identificadas sobre as distopias retratadas foram divididas entre:

- A) Dados externos: ano, idioma, país de produção; gênero do autor, ano de nascimento, cor e nacionalidade; posição no ranking geral e específico da Amazon;
- B) Dados internos: fatores geradores da distopia, período futuro retratado, gênero, faixa etária e espécie dos protagonistas e antagonistas e grupos aos quais pertencem.

No início da análise, notamos que a lista reúne tanto livros impressos quanto virtuais (e-books), muitas vezes repetindo obras dos mesmos autores em formatos diferentes. Dos 100 livros, 27 aparecem duas vezes em dois tipos de versões. Sendo assim, a lista que constitui o objeto deste trabalho possui de fato 73 livros. De algum modo, o contexto recente de digitalização pode interferir nesse ranqueamento, já que impressos costumam mais que digitais (o preço pode ser mais de 10 vezes superior). Além disso, a lista contém livros digitais gratuitos, o que torna difícil afirmar se são de fato os mais populares entre o público.

17 O trabalho do grupo de pesquisa coordenado por Regina Delcastagnè é uma referência para esse tipo de estudo. Numa escala maior, sua equipe desenvolveu um trabalho amplo sobre a literatura brasileira contemporânea, analisando um total de 692 romances escritos entre 1965 e 2014, por 383 autores brasileiros. Ver Delcastagnè (2005) e a matéria da revista *Cult*: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>.

A partir dos resultados da primeira etapa, selecionamos três obras que reuniam elementos representativos do ranking, lidas e analisadas de forma minuciosa na segunda etapa. Para discutir como as tipologias e características identificadas na primeira etapa refletem temas de preocupação política e social em evidência na sociedade contemporânea, nosso olhar voltou-se, na segunda etapa, tanto sobre elementos do contexto histórico e lugar em que as obras foram produzidas, quanto sobre os elementos sociais, tecnológicos, políticos e culturais, do período futuro em que as histórias se passam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ETAPA I: CARACTERIZAÇÃO DAS DISTOPIAS DO RANKING AMAZON BRASIL

A) DADOS EXTERNOS: SOBRE AS PUBLICAÇÕES

Ao organizar as obras de acordo com o ano de publicação (Gráfico 1), verifica-se que a maioria foi lançada no século XXI (93%), sendo apenas cinco obras do século XX (7%). Embora em menor quantidade, os livros publicados antes de 2001 são muito relevantes, aparecendo nas primeiras posições. Dessas cinco obras, três estão entre as 10 primeiras da lista – *O Conto da Aia* (1985), *Nós* (1924) e *Laranja Mecânica* (1962).



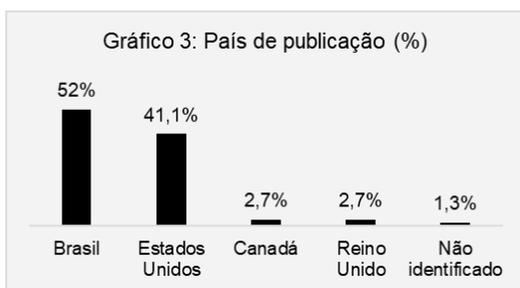
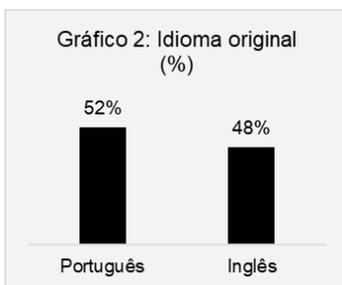
Fonte: Elaboração nossa.

N.id.: Embora a maioria dos livros tenha um ano de publicação determinado, quatro não apresentam essa informação. Como esses eram todos livros digitais, foram considerados como publicações do século XXI.

É curioso notar que algumas obras do século XX, que marcam o imaginário da literatura distópica mundial, não aparecem no ranking, como *1984* (1949), *Admirável Mundo Novo* (1932) e *Fahrenheit 451* (1953). Por algum motivo não identificado, esses livros não estão categorizados como distopias, mas apenas como ficção científica.

Os gráficos 2 e 3 mostram que os idiomas de publicação se limitam a inglês e português. Apesar de haver livros publicados em quatro países distintos, fora o Brasil, todos são países de língua inglesa. Além disso, apesar de os países de língua inglesa serem a maioria, um pouco mais da metade dos livros foi publicada no território brasileiro e em português. Isso não quer dizer que os livros nacionais sejam necessariamente mais vendidos, já que se encontram, em média, em posições relativas abaixo no ranking¹⁸.

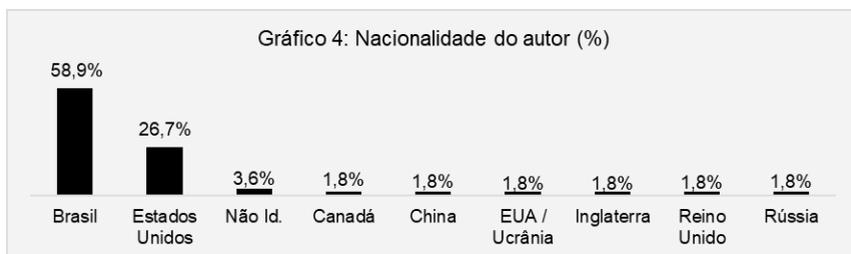
18 Se calcularmos a média da posição dos livros no ranking de acordo com o país de publicação, podemos observar como os livros brasileiros estão colocados, em seu conjunto, em relação aos livros dos demais países. Os resultados dessa média são: Brasil (47,7); EUA (29,9); Canadá (6,5); Reino Unido (37); Não Identificados (55).



Fonte: elaboração nossa.

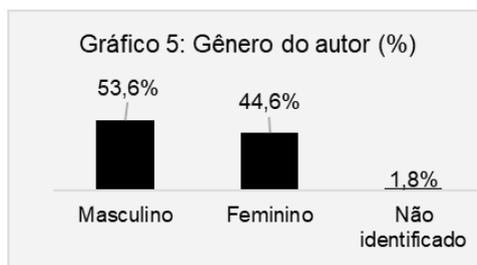
Apesar da concentração de livros produzidos nos EUA, quando se observa a nacionalidade do autor, verifica-se uma maior diversidade (Gráfico 4). Isso se dá, possivelmente, por dois fatores. Primeiro, observa-se que parte dos livros publicados nos EUA (10%) foi escrita por autores de outros países, semelhante ao que ocorre na indústria cinematográfica, em que grandes estúdios importam talentos para produzirem seus filmes em território estadunidense. Segundo, muitas obras da lista são escritas por um mesmo autor, o que ocorre com maior frequência nos livros que têm o inglês como língua original¹⁹. Apesar de 58,9% dos autores serem brasileiros, 52% das obras foram produzidas no Brasil, ou seja, há maior variedade de autores dos livros brasileiros.

19 Identificamos 56 autores nos 73 livros da lista, sendo 27 obras escritas por autores que aparecem mais de uma vez.

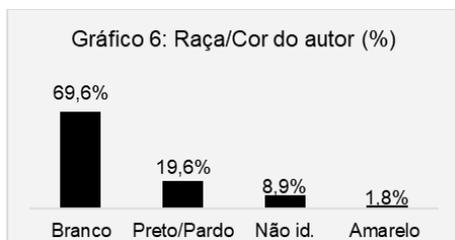


Fonte: elaboração nossa.

Outro ponto relevante é a participação significativa de autoras mulheres (44,6%), como se observa no Gráfico 5, cujos livros estão mais bem posicionados em média²⁰. Ainda, apesar do número de autoras mulheres ser menor, elas escreveram 51% dos livros da lista. Embora exista certo equilíbrio na distribuição de gênero dos autores, quando se trata da questão racial o cenário muda completamente. Dos 56 autores, 39 são brancos (69,6%), confirmando na literatura distópica, o que já é conhecido nos circuitos literários (Gráfico 6). A baixa presença de autores negros, asiáticos, indígenas e não brancos em geral indica que as criações sobre o passado, o presente e o futuro nas ficções distópicas possuem um viés racial, reproduzindo, muito provavelmente, visões de mundo de grupos historicamente privilegiados.



²⁰ A média da posição no ranking dos livros escritos por mulheres é de 33,3, ante 41,7 dos livros escritos por homens.



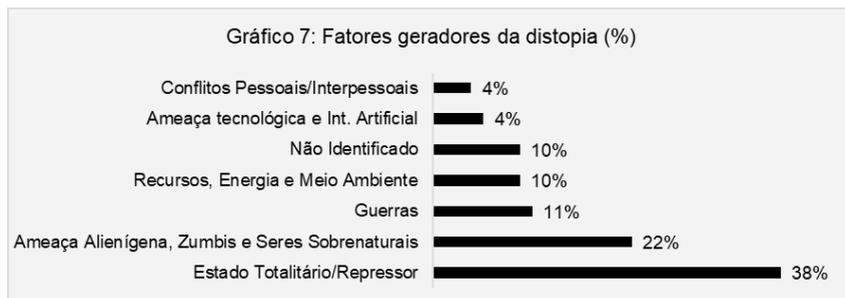
Fonte: elaboração nossa.

Vale lembrar que tais resultados, em parte, podem ser influenciados por elementos não divulgados do algoritmo de formação das listas da Amazon. É difícil ter certeza se a distribuição tão equilibrada entre obras nacionais e internacionais, assim como a distribuição de gênero dos autores, por exemplo, não seja uma função preestabelecida. Independentemente disso, a lista constitui uma seleção que reflete padrões de mercado, podendo ser considerada um indicador da popularidade das obras.

B) DADOS INTERNOS: ELEMENTOS DO CENÁRIO DISTÓPICO

O primeiro elemento que observamos nas sinopses e resumos das ficções estudadas é o que chamamos aqui de “fator gerador da distopia”, entendido como uma característica central que sintetiza e simboliza a temática tratada. É o que permite que a história, ou parte dela, possa ser entendida como uma distopia, demarcando um sentimento de opressão e angústia, seja física ou psicológica, individual ou coletiva. Assim, construímos uma tipologia de fatores geradores, no sentido dos tipos ideais weberianos, a partir da análise empírica (WEBER, 1992). Embora uma mesma história possa ter características de vários tipos, para cada uma procurou-se um único tipo que representasse a

centralidade da trama e os principais conflitos das personagens, o que pode ser observado no Gráfico 7.



Fonte: elaboração nossa.

Identificamos certa variedade de categorias de fatores geradores, sendo a principal a representação do Estado Totalitário/Repressor, presente em pelo menos 28 obras (38%). Isso é significativo, tendo em vista que mantém um alinhamento com a origem do gênero distópico, marcada por narrativas em que predomina um sistema de governo totalitário, fundado em regras rígidas de controle e vigilância e que expressa uma visão desencantada de mundo.

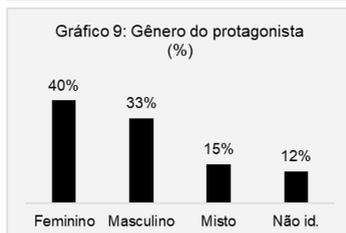
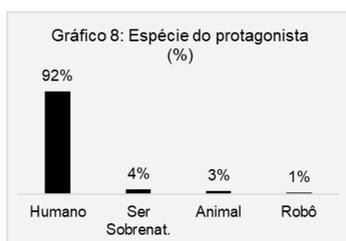
Por outro lado, chama a atenção que o segundo fator gerador mais presente seja o que classificamos como “Ameaça alienígena, zumbis e seres sobrenaturais” (22%), que reúne um conjunto marcado por aventuras fantásticas, que tratam de conflitos entre humanos e não humanos (os mortos vivos também não são mais humanos). Nesse sentido, tais obras se diferem da abordagem politizada das alegorias distópicas do século XX e, em certa medida, se opõem ao modelo clássico, cuja monstruosidade distópica é produzida pela pior expressão do próprio ser humano.

Essas histórias frequentemente, mas não necessariamente, fazem parte de um conjunto mais genérico classificado como “futuro pós-apocalíptico”, assim como aquelas que envolvem grandes guerras catastróficas (11%), escassez de recursos naturais, energia e questões ambientais (10%) ou inteligência artificial e ameaças tecnológicas (5%), estando muito presentes nos filmes distópicos do século XXI (como discutido em BERTUCCI; DIAS, 2021).

Há ainda um último tipo que reúne dramas e conflitos pessoais/ interpessoais (4%), numa perspectiva mais individual, que não raramente é considerado como distopia. Embora não retrate necessariamente um mundo distópico, apresenta situações de perda, angústia e desesperança em que o mundo particular de um indivíduo está em ruínas.

Em relação ao período retratado, não é possível precisar pelas sinopses as datas em que as histórias se passam, mas pode-se identificar que a maior parte (64%) trata de futuros próximos (daqui a cerca de 50 anos). Em alguns casos são retratados períodos mais longínquos, e há ainda três obras que se passam em uma espécie de presente alternativo. Muito pouco é dito sobre as condições de vida da população; porém, quando apresentadas, evidenciam grande desigualdade econômica. Além disso, as sociedades possuem uma ordem já estabelecida, não sendo, em geral, histórias em períodos de transição de uma estrutura social antiga para uma nova. As condições de salubridade dos mundos retratados, considerando pureza do ar e da água e condições sanitárias das habitações, quando citadas, indicam condições mais insalubres (18) que salubres (9), embora a maioria não aparente ser de condições muito diferentes da atual (33).

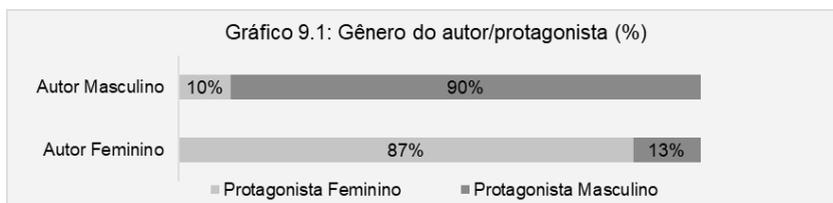
Como esperado, a maioria das obras (92%) tem protagonistas da espécie humana (Gráfico 8); porém, destaca-se um número significativo de histórias que partem do ponto de vista de um ser não humano (animal, robô ou androide). Quanto ao gênero, observa-se um equilíbrio, com um percentual um pouco maior de protagonistas mulheres (40%) do que de homens (33%). Em 15% identificamos protagonistas de ambos os gêneros, enquanto em 12% não foi possível identificar o gênero em questão. Em apenas um livro foi identificado um protagonista LGTB, um homem homossexual (*O terno laranja*, 2019).



Fonte: elaboração nossa.

Ao relacionar os dados de autores e protagonistas (Gráfico 9.1), fica evidenciado que o gênero do protagonista tem relação direta com o do autor da obra. Ou seja, no universo da indústria literária que a pesquisa abarcou, os autores tendem a criar personagens principais de acordo com o próprio gênero.²¹

²¹ Isso não é tão diferente do que ocorre na indústria cinematográfica. Um estudo feito sobre 30 filmes distópicos disponíveis na plataforma Netflix indica que é mais comum



Fonte: elaboração nossa.

Apesar de não ser possível caracterizar em detalhes os antagonistas, pode-se identificar alguns dos grupos aos quais aqueles personagens que se opõem aos protagonistas pertencem (Gráfico 10). Em 55% das obras analisadas, o antagonista é um agente do Estado, o que reflete mais uma vez a herança deixada pelas grandes obras do gênero, mesmo que nem sempre se trate de um regime totalitário. Quando o antagonista não é um agente atuando em nome de um Estado, temos em segundo lugar o grupo dos políticos (11%), geralmente indivíduos corruptos ou ligados a grupos criminosos. Seres não humanos diversos se dividem nas categorias seguintes, havendo raras aparições de estrangeiros ou terroristas. Na próxima etapa, aprofundamos essa discussão, por meio da análise das três obras selecionadas.



Fonte: elaboração nossa.

ver diretores homens produzindo filmes com protagonistas mulheres (41% dos filmes dirigidos por homens têm mulheres como protagonistas) do que diretoras mulheres produzindo filmes com protagonistas homens (20% dos filmes dirigidos por mulheres têm homens como protagonistas). Ver Bertucci (2021).

ETAPA II: ANÁLISE DAS OBRAS SELECIONADAS

UMA AVENTURA PÓS-APOCALÍPTICA JUVENIL

Em outubro de 2019, o livro *A fortaleza: mundo sombrio*, em sua segunda edição (de 7 de maio de 2016), aparecia na quinta posição no ranking geral de ficções distópicas mais vendidas disponibilizado pela Amazon Brasil, sendo a primeira distopia brasileira da lista (em junho de 2020 a obra já estava além dos cem primeiros). Produzido de forma independente por meio de plataformas de autopublicação e vendido no formato de e-Book Kindle, o livro tem uma sequência, chamada *A fortaleza: colonização*, lançada em 2019. Ambas as obras estão disponíveis em formato impresso no site oficial da autora, além de três trabalhos que compõem sua recente produção, iniciada em 2015.

Em seu perfil, publicado em seu site oficial, Day Fernandes se apresenta como uma jovem brasileira, nascida na década de 1990, formada em psicologia e viciada em chocolate e documentários sobre alienígenas. A importância das suas personagens femininas, como elemento-chave para o sucesso de seu trabalho diante do público, é destacada “[...] conquistou o coração dos leitores criando protagonistas empoderadas e donas de seu próprio destino. Apaixonada por livros de romance, sci-fi e fantasia, Day acredita que toda mulher é uma heroína por natureza”²².

Apesar de ser uma autora relativamente nova, pouco conhecida nos circuitos tradicionais e sem registros na grande mídia²³, Day parece ter um grupo cativo de leitores-seguidores nas mídias

²² <https://dayfernandesoficial.com.br/>. Acesso em 08 jun. 2020.

²³ A única menção a prêmios da autora é uma indicação como finalista no concurso Mundos Paralelos, da revista *Mundo Estranho!* com seu conto “Sencientes”, de 2017.

sociais, que marcam presença nos eventos de que participa. A influência das redes sociais na trajetória dessa autora exemplifica uma nova dinâmica de produção literária na contemporaneidade, possibilitada pela era digital, que atinge nichos específicos de leitores²⁴, embora não se deva afirmar que tal dinâmica represente ameaça ao mercado tradicional.

O livro *A fortaleza* se apresenta como uma história linear, de fácil leitura e com soluções convenientes. A trama se passa por volta do ano de 2070, num cenário pós-apocalíptico em que o caos está fortemente instaurado, onde não é mais possível identificar as antigas fronteiras entre as nações. Devastada por uma guerra mundial, a superfície da Terra foi contaminada pela radiação de bombas nucleares e a população drasticamente reduzida e obrigada a viver no interior da Terra, em complexos conhecidos como Fortalezas.

O dinheiro não existe mais, parte da população é escravizada, alimento e água são escassos, muitos morrem por inanição e doenças contagiosas. Nesse submundo, governos ditatoriais assumiram o controle e estabeleceram um critério de estratificação, baseado no potencial que cada cidadão pode oferecer ao sistema. Aqueles que apresentam maior inteligência e habilidades valorizadas pelo Estado são escolhidos para ocupar posições mais importantes e privilegiadas. Os demais são marginalizados, abandonados à própria sorte.

Nesse contexto, a jovem Camille, líder de um grupo de rebeldes chamados de *fantasmas*, protagoniza uma história relativamente

²⁴ Fenômeno semelhante se observa com o crescimento do número de “influenciadores digitais” na segunda década do século XXI. Embora desconhecidos das grandes mídias até então, passam a fazer sucesso a partir de dentro das redes sociais digitais.

previsível e com diversos clichês, observados em muitos contos de aventura pós-apocalíptica – como soldados chamados de *sentinelas*, mercenários, um regime autoritário e um ditador cujos atos são justificados por pura maldade ou por uma vaga ideia da busca do poder pelo próprio poder. Assim, as personagens são bem posicionadas numa luta do bem contra o mal, sem grande complexidade, nem dilemas significativos que os tirem dessa zona de conforto.

É interessante observar que todos os personagens apresentados possuem apenas o primeiro nome, tendo a autora optado por nomes “americanizados” (como Adam, Cyrus, Eleonor e Camille). O único que foge desse padrão é o vilão, o governador Turtzi, que possui um nome de origem claramente não ocidental, o que causa um estranhamento típico que lembra filmes estadunidenses de combate ao terrorismo. Além de uma menção pontual a uma obra de um pintor brasileiro, não há referências culturais, políticas ou históricas a eventos conhecidos da humanidade, o que poderia dar algum realismo ao mundo ficcional (mesmo que tal construção fosse em forma de alegoria).

Fica evidente a pretensão de se criar uma protagonista forte, corajosa e resolvida – não à toa Camille ocupa a posição de liderança do grupo rebelde²⁵. No entanto, no decorrer da história, a personagem acaba em diversos momentos em posições de fragilidade, dando lugar a personagens masculinos, que assumem

25 Vale registrar que presença de protagonistas mulheres em tramas de ficção distópica não é uma novidade nesse tipo de obra. Levantamento recente feito por nós com base em 30 filmes de ficção distópica do século XXI no catálogo da Netflix identificou que metade tem mulheres como personagem principal.

o controle da situação, em oposição à imagem sugerida no discurso da autora. Apesar de ser apresentada como temida lutadora, a personagem é subjugada na maior parte das lutas corporais das quais participa, chora diante de subordinados, é chamada de “princesa” pelo pai, contestada e considerada “teimosa” pelo seu grupo. Tais elementos deixam transparecer estigmas de gênero recorrentes da mulher na sociedade contemporânea.

UMA DISTOPIA PERIFÉRICA “À BRASILEIRA”

Em outubro de 2019, o livro *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela* (2018), aparecia na 30ª posição do ranking geral de ficções distópicas disponibilizado pela Amazon Brasil. O livro, escrito por Ignácio de Loyola Brandão – jornalista, cronista, romancista premiado, nascido em 1936, e membro da Academia Brasileira de Letras – é o terceiro de uma trilogia iniciada por *Zero* (1975), censurado pela ditadura militar²⁶, e seguida por *Não verás país nenhum* (1981).

Seu romance distópico tem como fio condutor uma história de amor, partindo do seu término. Felipe (jornalista e *videomaker*) e Clara (designer em uma agência de comunicação) formavam um casal que, logo no início da história, passa por um processo dramático de separação. A forma conturbada como as personagens lidam com o fim da relação serve de base para se retratar um Brasil num futuro incerto, destrozado e deprimente²⁷.

26 O livro, que contava a história de um personagem que vivia em um regime militar ditatorial, acabou não agradando o governo da época, tendo assim sua comercialização proibida. Ver a matéria: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/critica-em-seu-novo-romance-ignacio-de-loyola-brandao-esbanja-dominio-tecnico-1-23344470>. Acesso em: jun. 2019.

27 Essa dinâmica, repleta de questionamentos filosóficos e existenciais, lembra clássicos como *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera.

Já na abertura, Loyola faz referência aos *Sertões* de Euclides da Cunha, anunciando o tema da obra – a “normalização da anormalidade” – dando o tom de crítica social, num diálogo com tensões do seu tempo. Fica explícita, ao longo da trama, a relação com “Fatos do passado remoto sempre presentes” (p. 1038) ao tratar da “imensa transitoriedade que veio após o impeachment da primeira mulher presidente” (p. 2921)²⁸

A obra parece ser uma expressão da aflição, da angústia e do desgosto em relação ao caminho sem saída que o Brasil tomou no presente atual e de uma desesperança justificada quanto ao futuro (também vivida pelas personagens em relação à (im) possibilidade de reviver os momentos de felicidade). E não se trata de uma perspectiva sem embasamento. O uso do exagero fatalista e de certo surrealismo sarcástico serve para evidenciar elementos conhecidos da nossa realidade (como as declarações recentes de um presidente em defesa da volta da ditadura militar). Eventos como os processos de destituição de presidentes e o dismantelamento de políticas públicas que podem parecer “previsões” do autor demonstram o seu diálogo atendo à realidade. Cada capítulo se inicia com trechos adaptados de notícias reais, apresentando eventos absurdos e estatísticas assustadoras, que fundamentam o mundo futuro ficcional.

Ao tratar questões sem respostas, como que num desabafo, o autor joga com a anedota de que “o Brasil precisa ser estudado”. A sua obra literária se confunde com um esforço de análise, repleta de citações de sociólogos contemporâneos (de Zygmunt

²⁸ A referência aos trechos da obra aqui colocadas são feitas utilizando a marcação de livros digitais, que não possuem paginação fixa como os livros impressos (lê-se: posição 1038 e posição 2921).

Bauman a Judith Butler), artistas, intelectuais de diversas áreas e personagens históricos²⁹. Como afirmou o escritor Joca Terron, “para manter a verossimilhança, a construção ficcional precisa ser bem arquitetada, só a partir daí o insólito se torna crível. Basicamente, o extraordinário sai do ordinário, do comum. Do familiar, como já havia apontado o Dr. Sigmund” (CARDOSO; SASSE, 2020, p. 348).

Nesse Brasil fictício onde o enredo se desenrola, uma nova Constituição foi criada (um documento de 111 mil páginas), a palavra “político” deixou de existir, dando lugar à palavra “astuto” (mudança justificada pela ideia de que, para se criarem leis, é preciso ter sagacidade, juízo e esperteza) e mais de mil partidos se revezam no poder cada um com um candidato à presidência. O Ministério da Saúde foi extinto; os hospitais públicos, fechados; e o Ministério da Educação deixou de existir após o abandono do sistema educacional pelo Estado.

Além disso, a população vive em constante vigilância, com o uso indiscriminado de tornezeleiras de identificação. Existem câmeras por toda parte e o governo, teoricamente, sabe onde os cidadãos estão e o que fazem a todo momento. Nem os pensamentos escapam, já que o sistema de câmeras possui um dispositivo que permite ler mentes (os *thinking chips*). No entanto, apesar de todos os mecanismos de controle e patrulhamento, esse sistema é repleto de falhas e não se reflete em um respeito às normas, à uma uniformização do comportamento e uma vigilância infalível como nas distopias clássicas. Ao contrário, a disseminação da corrupção,

29 O próprio título é revelado como uma releitura de um trecho de um poema de Bertold Brecht.

o desrespeito a regras para a obtenção de pequenas vantagens pessoais e as situações onde o protagonista recorre a amigos para burlar a burocracia, são elementos presentes no livro. Essa referência ao chamado “jeitinho brasileiro” nos levou a considerar esta obra como uma distopia à brasileira³⁰.

Brandão demonstra conhecimento histórico e criatividade ao retratar um Brasil totalmente caótico e jogado à própria sorte. O autor traz os elementos das distopias clássicas para uma versão nacional, introjetando nessa realidade os conflitos, tensões e opressões particulares da nossa história, o que confere uma originalidade especial à obra. Há ainda referências aos projetos de apagamento e revisionismo histórico, à queima de livros e à cultura de abandono dos idosos, que devem aderir a um sistema de autoeutânasia para não sobrecarregarem o Estado.

Em muitos momentos, a narrativa se confunde com um sonho³¹ (ou pesadelo), com uso recorrente de metalinguagem, no qual a

30 Essa adaptação nos remete à ideia do “fordismo periférico”, desenvolvida por Alain Lipietz (ver GLYN *et al.*, 1990). No início do século XX, o regime de produção denominado de fordismo surge nos EUA, marcado pela padronização da produção em massa, possibilitada pelo aumento da produtividade, com a adoção da esteira de produção. Associado ao Estado de Bem-Estar Social, esse sistema levou a um grande crescimento e permitiu, por certo tempo, uma condição de estabilidade e melhoria das condições de vida da população, uma era de ouro do capitalismo, em grande medida utópica. Nos países menos industrializados, no entanto, se inicia na metade do século, um processo tardio de implementação do fordismo, que resultou em maior exploração e precarização do trabalho, com ausência de estruturas estatais de proteção social. Nesse sentido, Brandão retrata bem o que seria uma “distopia periférica”, já que importa as bases desse cânone literário, porém adicionando elementos regionais que divergem dessa estrutura. Ou seja, as repercussões dos elementos distópicos de controle e vigilância, por exemplo, nos países periféricos se dão de forma muito particular.

31 O autor se dá a liberdade de alternar entre primeira e terceira pessoa ao longo da narrativa. Assim como a história se confunde com a realidade brasileira, frequentemente o autor-narrador e os personagens se confundem. “Sou chato, sei. Pareço anacrônico, mas tenho o pé no chão” (posição 1633). Essa dinâmica parece dialogar com obras contemporâneas, como o filme *Inception* (2010), dirigido por Christopher Nolan.

realidade se funde ao imaginável gerando uma inviabilidade de distinguir o que é real ou não. Presidente sem cérebro, homofobia, machismo, patriotismo de extrema-direita, ignorância do brasileiro sobre si mesmo, polarização, redes sociais, *fake news*, corrupção, obras superfaturadas, juízes pouco confiáveis, negacionismo, extremismo religioso e discurso de ódio são elementos que caracterizam essa distopia, conferindo um toque à brasileira.

Há quem possa pensar que Ignácio de Loyola Brandão tenha uma habilidade para prever o futuro. Diferente disso, ele parece ter captado o espírito assombroso da sua época, dialogando com as questões mais atuais do Brasil contemporâneo, com suas angústias e medos. Seu livro é uma expressão da história de um país com raízes escravistas, distópico desde seu início. A questão colocada, seja em relação à obra ou ao presente real, é: “Você também tem a sensação de que estamos todos enlouquecendo serenamente neste Brasil?” (p. 2160).

Por fim, a narrativa revela a impossibilidade angustiante de o narrador e de os próprios personagens explicarem como a sociedade chegou aonde chegou, ou como “A vida normalizou-se na anormalidade” dado o caráter praticamente ininteligível do sistema. Embora o texto esteja repleto de acontecimentos históricos, esses são fragmentos, recortes de um mundo assustadoramente complexo. Porém, “Num romance, pode-se fazer tudo. Fantasias são permitidas ao criador. Não há limite entre realidade e invenção” (p. 4225).

UMA DISTOPIA SOBRENATURAL DRAMÁTICA

No mês de outubro de 2019, o livro *Estilhaça-me*, o primeiro de uma série de seis volumes, ocupava a segunda posição entre as distopias mais vendidas no ranking da Amazon Brasil. Escrita em

2011 pela autora estadunidense Tahereh Mafi, filha de imigrantes do Irã, a obra, que mistura fantasia com elementos distópicos, se tornou um best-seller, chegando a ser publicada em mais de 22 países. Em agosto de 2020, estava na quarta posição do mesmo ranking e se mantém no topo das distopias de forma estável.

A história apresenta a vida conturbada de Juliette Ferrars, uma jovem de 17 anos, presa e mantida isolada em um hospital psiquiátrico devido a uma condição particular: seu toque pode causar a morte. Por conta desse “poder”, Juliette foi rejeitada pelos pais e excluída do convívio social, o que marca sua construção psicológica. Medo, insegurança e baixa autoestima são sentimentos presentes na trama, narrada na perspectiva da protagonista, que se culpa constantemente por tudo que se passa com ela. Isso se evidencia em 29 aparições do radical “culp-” ao longo da narrativa. Todo esse sentimento negativo em relação a si mesma está ligado ao seu poder, ora tratado como dom, ora como maldição, algo que a torna diferente, alguém sem lugar no mundo, uma aberração, que não se identifica nem se encaixa em nenhum grupo.

O drama individual de Juliette, que reflete o padrão típico da jovem incompreendida, é intensificado pelas condições sociais, políticas e ambientais do mundo retratado na obra. Num futuro não muito distante, em que a natureza foi afetada de forma irreversível pelo homem, as mudanças climáticas foram tão violentas que não existem mais estações do ano, com calor intenso quando deveria ser inverno e neve repentina fora de época. Não há pássaros, os poucos animais que restaram sofreram mutações, a produção de alimentos caiu vertiginosamente, e as taxas de mortalidade, a fome e doenças cresceram absurdamente. A crise socioambiental e a

insegurança em relação ao futuro levam a população ao completo desespero, o que possibilita a tomada de poder por um grupo extremista, que promete conduzir a sociedade a um novo futuro.

Usada como cobaia em experimentos por esse governo militarizado, que se intitula como o Restabelecimento, a protagonista vulnerável passa por tortura física e psicológica. Embora seja retratado um ambiente tenso e sombrio, o tipo de violência e a forma como a tortura é representada refletem mais um imaginário de filmes de ação juvenis do que situações concretas de violação de direitos humanos conhecidas das ditaduras militares pelo mundo, que deixam traumas e sequelas muitas vezes irrecuperáveis.

Ainda assim, diversas referências clássicas são utilizadas, como a tentativa de um Estado totalitário de eliminar elementos da cultura, queimando livros e propondo uma unificação da língua falada com um novo dicionário (algo pouco explorado), e a vigilância por meio de câmeras e equipamentos de rastreamento. Ao mesmo tempo, quando descreve a estratégia do Estado como “a única forma de estabelecer a paz seria extirpar todas as formas de oposição”, a obra lembra eventos contemporâneos, dado o crescimento recente de governos com práticas autoritárias e discriminatórias pelo mundo³².

Nesse sentido, o termo que dá nome ao novo governo, no original “Reestablishment”, poderia ser traduzido também como “Nova Ordem”, sugerindo romper com a estrutura estabelecida

32 É difícil dizer até que ponto há uma intenção deliberada da autora nesse sentido, mas verificamos que ela mostra uma predisposição a temas progressistas em suas redes sociais, manifestando-se muitas vezes a favor de causas das minorias, como recentemente no movimento antirracista *Black Lives Matter*.

para propor uma mudança radical de sistema. De forma análoga aos regimes fascistas que se estabeleceram prometendo mudanças em períodos de desestabilização econômica e social, traços de eugenia e nacionalismo aparecem, nos quais idosos, doentes e deficientes são descartados e somente os fortes são considerados os escolhidos, merecem sobreviver³³. Embora o Restabelecimento tenha alcançado avanços econômicos e melhores condições de saúde na trama, após sua chegada morrem mais pessoas por armas que por doenças. Em contraposição, há uma breve menção em defesa da diversidade racial, quando a personagem encontra, pelos corredores do abrigo da resistência, “pessoas novas e velhas e das mais diferentes composições corporais e etnias”, entre elas o seu líder, destacado pelos seus cabelos com *dreadlocks* e seus dentes brancos como a neve.

Ao observar as questões de gênero, verificamos certa idealização da figura masculina, que desperta uma paixão arrebatadora na protagonista, o típico príncipe encantado, que se sacrifica para salvar a princesa das trevas, tornando-se sua motivação de viver e permitindo-lhe encontrar a si mesma. Em outros trechos da trama, nota-se que funções de apoio, como cuidadoras e enfermeiras, são sempre ocupadas por personagens mulheres, enquanto as posições de liderança estão nas mãos dos homens.

Em resumo, em *Estilhaça-me* temos uma aventura distópica que desenvolve questões típicas da juventude com elementos

33 “Então o Restabelecimento prometeu um futuro perfeito demais para ser possível e a sociedade estava desesperada demais para não acreditar. As pessoas nunca perceberam que estavam entregando suas almas a um grupo que planejava tirar vantagem da sua ignorância. De seu medo” (Posição 57).

de crítica moral ao consumismo, à destruição ambiental e à desigualdade social. A partir de um padrão semelhante a outras obras populares recentes, como a saga *Jogos Vorazes*, uma adolescente protagoniza uma série de provações, diante de uma sociedade opressora que a trata como objeto de entretenimento ou mercadoria de guerra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem a pretensão de julgar a pertinência das obras e os limites entre o entretenimento e a crítica social, foi possível evidenciar neste trabalho alguns dos eixos *centrais* das distopias mais populares na atualidade, tendo como ponto de partida o ranking disponível no portal Amazon Brasil. Primeiramente, identificamos que a maioria dessas obras foi escrita no século XXI, por homens e mulheres brancos, brasileiros e estadunidenses, sendo muitas delas distribuídas em formato digital³⁴. Apesar de haver certa diversidade de temáticas, a ideia de um Estado totalitário é recorrente. Observam-se ainda tendências marcadas por elementos fantásticos como invasões alienígenas, zumbis e seres sobrenaturais, assim como pela degradação ambiental, que, embora não pareça ser uma temática principal, perpassa diversas obras.

Consolidada desde a segunda guerra mundial, a temática do totalitarismo continua presente na ficção, marcada pelo discurso técnico-científico autoritário, pela perda de direitos, vigilância, controle da linguagem e até o uso de *fake news*. Fica evidente, nesse conjunto, um padrão de dualismo maniqueísta em que os

³⁴ Ver Benjamin (1987) para uma discussão sobre a influência das mudanças nas técnicas de produção e reprodução econômica sobre a reprodução artística.

antagonistas são tiranos sedentos por poder confrontados pela “turma do bem”. Essa é uma estrutura recorrente em distopias adolescentes recentes escritas e protagonizadas por mulheres, de grande sucesso entre seu público-alvo, com adaptações milionárias para o cinema, como as sagas *Jogos vorazes* e *Divergente*.

Não à toa, a segunda obra mais popular no ranking geral das distopias (*Estilhaça-me*, de 2018) e a obra brasileira mais popular na lista (*A fortaleza: mundo sombrio*, de 2016) são séries de vários livros que compartilham uma estrutura comum, com uma jovem protagonista, apoiada por um membro do grupo rival, pelo qual se apaixona, enfrentando um vilão típico que acredita ser o único capaz de promover a ordem social (chama a atenção inclusive a coincidência dos nomes de dois personagens centrais que exercem um mesmo papel nas duas obras). O mundo opressivo, assim, é palco para situações transformadoras e ritos de passagem, em referência a ideia da adolescência como fase de transição.

Preocupação presente entre as novas gerações, a questão ambiental perpassa o imaginário das histórias, por meio de representações da devastação da natureza, consequências claramente associadas a problemas da atualidade. Nesse sentido, *Estilhaça-me* e *A Fortaleza: Mundo Sombrio* se apresentam, em certa medida, como possibilidades (apesar da baixa verossimilhança) da história humana recente. Contudo, nenhuma das duas obras explora fatos históricos reais, não fazendo qualquer referência a eventos conhecidos do mundo, do Brasil ou dos EUA, nem mesmo a geolocalização da trama ou questões relativas à identidade cultural. Desse modo, o enfrentamento aos problemas, que se apresentam como crítica social nas obras, se dá

no campo do heroísmo, da magia e do sobrenatural e não como uma reflexão sobre a complexidade da vida material e os desafios da política.

Numa direção diferente, o livro do romancista brasileiro Ignácio de Loyola Brandão apresenta um mundo ficcional marcado pelo absurdo hiperbólico, em que o desamparo vivido pelos personagens não simboliza um medo do futuro, mas sim sentimentos experienciados no Brasil do presente. Com fortes referências da atualidade, os eventos da realidade se confundem com os da ficção. A obra de Brandão, como as distopias clássicas, não dá margem para se pensar um futuro próspero, nem uma saída possível para aquela sociedade à deriva. Diferentemente das tramas de Day Fernandes e Tahereh Mafi, em que há um sentimento de que “vale a pena lutar por um mundo melhor”, no trabalho de Brandão o tempo que importa é apenas o presente, não havendo interesse num planejamento temporal nem possibilidades de resistência.

Finalmente, se o esforço de representatividade feminina é evidenciado na lista de obras, o mesmo não acontece com a questão racial. Chama a atenção a raridade de autores negros e a total ausência de referências ao continente africano, tendo em vista a realidade histórica de séculos de colonização, que poderia servir como solo fértil para a temática, e a própria expressão estética crescente do afrofuturismo. Como pode ser reafirmado por uma concepção materialista da arte, a produção artística, submetida a economia de mercado, constitui expressão da sociedade de classes. Afinal, embora o trabalho literário não possa profetizar um iminente futuro apocalíptico, a análise da elaboração simbólica do desamparo pode dizer muito sobre o presente.

REFERÊNCIAS

- ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Tradução: Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- BARROS, José D.'Assunção. A cidade-cinema pós-moderna: uma análise das distopias futuristas da segunda metade do século XX. *Crítica Cultural*, v. 6, n. 1, p. 303-332, 2011.
- BERTUCCI, Jonas de Oliveira. *A economia solidária do pensamento utópico ao contexto atual: um estudo sobre experiências em Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Economia) – Cedeplar/UFMG, 2005.
- BERTUCCI, Jonas de Oliveira; DIAS, Thaís. R. M. B. Utopias e distopias na tela do século XXI: uma análise de 30 filmes da plataforma Netflix Brasil. In: Rafael Adelino Fortes; Vinícius Ferreira dos Santos; Maria Elisa Rodrigues Moreira. (Orgs.). *Reflexões sobre cinema, literatura e outras artes*: Diálogos Possíveis. Recife: Even3 Publicações, v. 1, p. 525-542, 2021.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica. In: *Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela*. São Paulo: Global, 2018.
- BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. São Paulo: Globo Livros, 2013.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Ed. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro 2006.
- CARDOSO, André; SASSE, PEDRO. Entrevista Com Joca Reiners Terron. *Abusões*, n. 12 v. 12, ano 06. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/article/view/51652/34161>. Acesso em: nov. 2020.
- DA COSTA, Maria Helena BV. Paisagens urbanas e lugares utópicos no cinema brasileiro. *XIV Coloquio Internacional de Geocrítica*. Las utopías y la construcción de la sociedad del futuro Barcelona, 2-7 de mayo de 2016.
- DALCASTAGNÈ, R. Contas a prestar: O intelectual e a massa em “A hora da estrela,” de Clarice Lispector. *Revista de Crítica Literária Latinoamericana*, ano 26, n. 51, p. 83-98, 2000.
- DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo (1990-2004). *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, v. 26, p. 13-71, 2005.

- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*, vol 2: formação do Estado e civilização. Jorge Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1993.
- FERNANDES, Day. *A fortaleza: mundo sombrio*. Editora Independente: [S.L.], 2016.
- GLYN, Andrew, HUGHES, Alan, LIPIETZ Alain, SINGH, Ajit. The rise and fall of the golden age. In: MARGLIN, Stephen, SCHOR, Juliet (Eds.). *The golden age of capitalism: reinterpreting postwar experience*. Oxford: Clarendon, p.39-125, 1999.
- GOMES, Anderson; CARDOSO, André; Sasse, PEDRO. Apresentação. *Abusões*, n. 12 v. 12, ano 06. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/article/view/51656/34135>. Acesso em: nov. 2020.
- HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Abril Cultural. 1980.
- MAFI, Tahereh. *Estilhaça-me*. Tradução de Maurício Tamboni. Universo dos Livros: São Paulo, 2018.
- MARQUES, Eduardo Marks de. I Sing the Body Dystopic: Utopia and Posthuman Corporeality in P.D. James's *The Children of Men*. *Ilha Desterro*, Florianópolis, n. 65, p. 29-48, Dec., 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-80262013000200029&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 maio 2019.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. 2. ed. Contexto. São Paulo, 2012.
- MENEZES, Paulo. Laranja Mecânica: violência ou violação? *Tempo soc.*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 53-78, Oct., 1997.
- MILL, John Stuart. Parlamento Britânico. 1868. In: *New World Encyclopedia*. Disponível em: www.newworldencyclopedia.org/entry/Dystopia. Acesso em: 30 maio 2019.
- MORUS, Tomas. *A utopia*. Porto Alegre: L&PM. Coleção Pocket, 1997.
- ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- PEREIRA, Anderson Martins. Tendências distópicas no Brasil: a fantasia como possibilidade de lidar com o pesadelo na literatura nacional. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 223-238, Dez., 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2018000300223&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 maio 2019.

PLATÃO. *República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 2001.

ROCHA, E.; PEREIRA, C. *Juventude e consumo: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

ROTH, Michael S. Trauma: A Dystopia of the Spirit. *Memory, Trauma, and History: Essays on Living with the Past*, 87-103. Columbia University Press, 2012. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.7312/roth14568.10>. Acesso em: 30 maio 2019.

RÜSEN, Jörn, FEHR, Michael e RIEGER, Thomas W (orgs.). *Thinking Utopia: steps into other worlds*. Oxford, New York, EUA: Berghahn Books, 2007.

SILVA, Flávio Caetano da. The Matrix: a aventura da formação no mundo tecnologizado. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1545-1561, Dec., 2007.

SHWETZ, Katherine. Apocalyptic fiction helps us deal with the anxiety of the coronavirus pandemic. *The Conversation*, March 2020. Disponível em: <https://theconversation.com/apocalyptic-fiction-helps-us-deal-with-the-anxiety-of-the-coronavirus-pandemic-133682>. Acesso em: 25 set. 2020.

TRAHAIR, R. C. S. *Utopias and Utopians: An Historical Dictionary*. Editora Greenwood Publishing Group, 1999.

UTOPIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em: www.dicio.com.br/utopia/. Acesso em: 28 maio 2019.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. 2 Vols. Tradução de Augustin Wernet. São Paulo: Cortez e Editora UNICAMP, 1992.